

ASSEMBLEIA PAROQUIAL, dezembro 2019

**RESUMO DO DOCUMENTO CNBB 109: DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO
EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL 2019-2023**

5. A comunidade pode ser comparada com uma casa ou construção de Deus (1Cor 3,9). Casa, lugar de união, amor, acolhimento. A casa (lar) lugar onde se entra para se alimentar e descansar (Eucaristia). Também de onde se sai para trabalhar (Missão).

6. A Igreja precisa “se fazer presente onde as pessoas estão, seja onde for.”

7. Essa casa é a comunidade eclesial missionária, deve ter as portas abertas para receber os que chegam, acolher com amor (porta para entrar). Portas abertas para sair em missão, anunciando Jesus Cristo e seu Reino, indo ao encontro dos outros, especialmente dos pobres e sofredores. [CURAR E ANUNCIAR que o Reino de Deus está perto Lc 10,9].

8. A comunidade eclesial missionária é sustentada por 4 pilares:

PALAVRA (Bíblia) >> iniciação à vida cristã e animação bíblica;

PÃO >> liturgia e espiritualidade;

CARIDADE >> serviço à vida plena [curar, aliviar a dor, ajudar a quem precisa de nossa ajuda];

AÇÃO MISSIONÁRIA >> estado permanente de missão.

9. A Igreja se pergunta: O que é feito em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, capaz de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século?

“Trata-se de pôr a missão de Jesus no coração da Igreja transformando-a em critério para medir a eficácia de suas estruturas, os resultados de seu trabalho, a fecundidade de seus ministros e a alegria que eles são capazes fazer brotar. Porque sem alegria, não se atrai ninguém”.

CAP 1: O ANÚNCIO DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO.

Jesus percorria, então todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino (Mt 9,35).

10. O mundo urbano, presente na cidade e no campo, marcado por contradições e desafios é o lugar da presença de Deus, espaço aberto para a vivência do Evangelho. Aí também se encontra a presença da fraternidade, realização da promessa de Jesus: *onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles (Mt 18,20).*

11. A descoberta dessa presença se realiza dentro das culturas [Jeito de viver e trabalhar do povo]. Inserida na vida das pessoas e povos, a Igreja busca escutar suas angústias, compartilhar suas alegrias, compreender o modo de pensar e interpelar [questionar] seus contravalores. Por isso, ela anuncia e testemunha “o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus”. A Igreja procura recuperar o frescor original do Evangelho.

12. ... Somos todos convidados a renovar nosso encontro pessoal com Cristo Jesus. ...no começo do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo (*Deus Caritas Est, Bento XVI*). Esse encontro provoca uma conversão de vida que leva ao discipulado, gera comunidade e impele a sair em missão...

13. O anúncio de Jesus Cristo se faz no horizonte do *Reino de Deus* que é o centro de sua vida e de sua pregação. “Jesus percorria cidades e povoados, proclamando e anunciando o Evangelho do Reino” (Lc 8,1). O Reino de Deus é um dom que é preciso ser aceito e exige de nós abertura para Deus entrar em nós. Abrir-nos para a entrada de Deus: da verdade, do amor e do bem. É o que fizeram os santos. É preciso deixar Deus, o Amor reinar/dominar em nós.

14. O Reino é de Deus. A iniciativa é de Deus, que quer nos dar o Reino (Lc 12,32). Nossa tarefa é aceitar o dom de Deus. Jesus não pode ser entendido sem o Reino que ele veio trazer. “A missão que a Igreja recebeu requer o

compromisso de construir o Reino, com Cristo, este reino de amor, justiça e paz para todos. Precisamos pedir com insistência: *Venha a nós o vosso Reino.*

19. A Igreja é a comunidade (casa) dos discípulos missionários de Jesus Cristo, que é a luz única para pessoas e povos. O centro da missão da Igreja é anunciar o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo, e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na vida nova, indicando o horizonte estupendo de vida que se abre a partir da comunhão com Ele (EG 14).

20. A experiência do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo acontece através da vida fraterna das comunidades e do testemunho de santidade de muitos de seus membros, com as obras de misericórdia, a solidariedade com os sofredores, a colaboração na construção de uma sociedade justa e pacífica...

24. A vivência cotidiana do amor fraterno em comunidade constitui uma forma privilegiada de testemunho cristão... O amor fraterno vivido nas comunidades cristãs despertava nos pagãos uma profunda admiração: “Vejam como se amam... estão prontos a morrer uns pelos outros”. A vida fraterna em **pequenas comunidades** – abertas, acolhedoras, misericordiosas, de intensa vida evangélica – constitui fundamento sólido para o testemunho da fé.

25. Os gestos de amor e solidariedade são eficazes para a credibilidade da experiência de fé e são marcas distintivas da missão eclesial. Por isso, a fé que não se mostra em obras é morta (Tg 2,17; Tg 1,27). Então, o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência! A Igreja é chamada à prática da *diaconia* da caridade também em nível comunitário, desde as **pequenas comunidades** locais, passando pelas igrejas particulares até a Igreja inteira”

26. “Na Bíblia, a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável (Mt 11,4-5) em seu Filho Jesus que é o “rosto da misericórdia do Pai”. Por isso, “a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa”, especialmente atenta “aqueles que vivem nas

mais variadas periferias existenciais”. A misericórdia é critério de credibilidade para nossa fé, pois “a credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo”.

27. Vão pelo mundo inteiro e proclamem o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15).

28. É preciso evangelizar num mundo de hoje, marcado pela **cultura urbana**. Isso acontece porque as pessoas tendem a viver na cidade e porque o estilo de vida da cidade se espalha sempre mais alcançando os lugares mais distantes. Por isso, é preciso pensar na relação entre a evangelização e a cultura urbana.

30. Nas cidades nem tudo é maravilha. Temos muita violência, favelas, problemas de lixo e esgoto, grande individualismo, perda da tradição familiar...

31. Por isso, a verdadeira evangelização luta para modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores importantes, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida que são contrários ao Evangelho e Plano de Salvação de Deus.

32. Nas cidades existem conflitos, mas também existem solidariedade e fraternidade, desejo do bem, da verdade e da justiça.

33. No momento atual não podemos renunciar à conversão pastoral, que muitas vezes exige mudança no nosso modo de viver a fé. “Esta conversão exige a formação de **pequenas comunidades** eclesiais missionárias nos mais variados ambientes para que sejam casas da Palavra, do Pão, da Caridade e abertas à Ação Missionária”.

34. **Pequenas comunidades** oferecem um *ambiente humano de proximidade e confiança* que favorece a partilha de experiências.

35. Muitas pessoas não têm experiência de um encontro com Deus e não sentem que as Igrejas institucionais possam ajudá-las. As pessoas precisam de um lugar onde possam falar de suas angústias e esperanças, por isso precisamos buscar novos caminhos. “Um destes caminhos poderia **ser as pequenas** comunidades onde sobrevivem as amizades que são aprofundadas” na oração e onde se partilha as experiências de fé... [onde

se pode viver o Mandamento Novo (Jo 13,34-35) e praticar o que nos salva (Mt 25,31-46)].

36. A formação de **pequenas comunidades** eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral. Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso da fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade, vivem sua vocação e missão, em comunhão e solidariedade. Elas oferecem ambientes e meios a iniciação à vida cristã e para uma formação sólida, integral e permanente. São espaços propícios para o crescimento espiritual, por meio da partilha da experiência de fé e da fidelidade a Jesus Cristo e a seu Evangelho nos contextos em que se encontram. “Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (EG 183)... Toda comunidade cristã é essencialmente missionária, “Igreja em saída”.

37. Na missão temos três grupos de pessoas: 1) os que frequentam sempre a comunidade e os que conservam a fé e frequentam às vezes; 2) os que foram batizados, mas não vivem conforme a fé; 3) os que não conhecem Jesus Cristo ou que o recusaram. Todos podem ser envolvidos na nova evangelização... os do terceiro grupo são o referencial do modelo missionário, e têm o direito de receber o evangelho como partilha da alegre experiência do encontro com Jesus Cristo vivenciado pelos cristãos.

38. Na evangelização é fundamental ir às origens do cristianismo quando a inculturação da fé permitiu que o Evangelho chegasse a tantas culturas diferentes. “Importa evangelizar, não de uma maneira decorativa, como quem aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto indo até às suas raízes, a civilização e as culturas” (EN 20). A encarnação do Verbo divino é o critério de toda a inculturação.

CAPÍTULO 2 – OLHAR DE DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

41. A Igreja anuncia sempre o mesmo Evangelho. Nessa missão, ela é chamada a *acolher, contemplar, discernir e iluminar* com a Palavra de Deus

os elementos culturais, sociais, políticos e éticos que constituem a realidade à qual é enviada. Só a partir deste diálogo com a realidade, que sempre muda, ela será capaz de fazer com que o Evangelho chegue aos corações das pessoas, às estruturas sociais e às diversas culturas.

42. A Igreja se pergunta: Em que aspectos o momento atual interpela seu modo de viver a missão?

43. No momento atual estamos vivendo uma *mudança de época*, em que os fundamentos últimos para compreensão da realidade se tornam frágeis. Daí a insegurança: como compreender a vida, Deus, a família? [cultura líquida]

45. O mundo se torna urbano e cresce o papel (função) das grandes cidades, pois elas são um reflexo do que acontece no mundo. E o que acontece nas grandes cidades se torna modelo para outras cidades. [e isso muito depressa devido aos meios de comunicação]. Na Evangelização precisamos estar atentos ao que acontece nas cidades.

46. Deus habita/vive na cidade [Apc 21,1-3].

48. Como evangelizadores, deve nos preocupar “os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade” (EM 19). Olhamos para cada pessoa, especialmente para os que sofrem (Mt 25,40).

49. O mundo da cidade é marcado pela *individualidade*. Isso é bom (luz) porque reforça a dignidade de cada pessoa. Mas pode prejudicar (sombra) o convívio, a fraternidade e a comunidade. Quem cai no individualismo agudo considera a própria satisfação como critério determinante: só cuido do que me interessa. [no mercado, só vale quem tem dinheiro para comprar ou produto para vender]. As pessoas só têm valor se são úteis. [Isso é contrário ao Evangelho].

54. Outra marca do nosso mundo é a *pluralidade*, que são as diferentes maneiras de compreender a realidade. Isso é bom, porque favorece a liberdade e a escolha. Mas tem o risco de colocar as pessoas diante de escolhas que não conduzem à vida, mas ao sofrimento e a morte.

55. Também existem propostas religiosas diversificadas. É bom, porque leva a escolher o caminho religioso de maneira consciente. Mas tem o perigo de

tornar o indivíduo com critério único da escolha do caminho. Acontece até que a religião é assumida sob a ótica comercial e da prosperidade financeira.

56. Também acontece de construir ou reproduzir formas de viver a fé marcadas pela violência. O combate cristão é sempre ao pecado pessoal e social. Seu empenho é sempre pela paz. Somos convocados a usar expressões marcadas pela fraternidade, o perdão e o amor.

58. Temos também a *pobreza*, que é a ausência do necessário para viver com a dignidade humana. Essa dignidade que vem do fato de sermos filhos e filhas de Deus. Um mundo marcado pelo individualismo consumista tem produzido grandes desigualdades sociais, com muitos excluídos que só podem ter esperança em Deus que escuta seu clamor. Quem se acostuma com este mundo já não é mais capaz de enxergar o irmão caído na beira do caminho (Lc 10,31-37). Não é autêntica uma experiência religiosa que não se concretiza na solidariedade. [A justiça é exigência da fé].

60. O desafio do *meio ambiente*: o ambiente humano e o ambiente natural se degradam em conjunto.

62. O desafio experimentado pelos *jovens*. Os jovens se sentem confusos e atordoados.

63. A *verdade* é relativizada. Valores como a honestidade, integridade e abnegação podem ser perdidos por causa de mentalidade de só pensar em si...

64. O mal cristalizado nas estruturas sociais gera exclusão e desigualdade...

65. É preciso redescobrir uma autêntica democracia. A democracia se constrói através da justiça social e da participação...

66. Nós cristãos não estamos sozinhos. Damos as mãos aos cristãos de outras igrejas e a todas as pessoas de boa vontade. Caminhamos juntos e procuramos a paz, o rosto do único Deus.

67. Reconhecemos o Senhor presente e atuante junto a nós (Jo 14,18). Por isso podemos praticar *resistência* e a *resiliência*, como capacidade de não se deixar vencer pelo mal que prejudica as pessoas. Verificamos também

atitudes culturais de resistência que valorizam mais as pessoas que o consumo, mais a obediência a Deus do que aos modismos do tempo presente.

68. Recordamos o 14º Intereclesial de CEBs, somos convidados a olhar com alegria e esperança as iniciativas que se voltam as cidades buscando compreender seu jeito de pensar, sentir e agir, derramando nelas o óleo da solidariedade que cura as feridas (Lc 10,34), com a palavra profética que chama à conversão e com o anúncio do Evangelho a quem nunca o ouviu ou dele se esqueceu.

69. “Em nossa Igreja temos “tentativas de concretizar a processos de iniciação à vida cristã”.

70. Reconhecemos que temos tradições e instituições que já não conseguem mais transmitir a fé. Mas temos também tentativas boas para concretizar a iniciação à vida cristã. Temos que conservar a solidariedade com os pobres: Temos que ter coragem de abandonar estruturas e práticas ultrapassadas que não favorecem mais a transmissão da fé.

71. Este breve olhar sobre a realidade do Brasil, mostra a necessidade de insistir no discipulado (seguimento de Jesus) e na missionariedade. “O discipulado implica (exige) deixar-se encontrar pelo Senhor, estar com ele (Mc 3,13-15) e formar comunidade com outros discípulos e discípulas (At 2,42-47). Nem sempre temos conseguido isso.

72. O discípulo missionário afirma: Deus habita a cidade, isto é, Ele está no meio de nós (Mt 28,20). ... Não podemos ficar tranquilos em nossos templos, é urgente ir em todas as direções para proclamar que o amor é mais forte.

CAPÍTULO 3: A IGREJA NAS CASAS

73. A casa, espaço da família foi lugar onde Jesus se encontrou e conversou com as pessoas (Mc 1,29; 2,15; 3,20; 5,38; 7,24). Nas casas ele curava e perdoava pecados (Mc 2,1-12; Lc 7,36) e orientava sobre o comportamento da comunidade (Mc 9,33ss; Mc 10,10-11.35-45).

75. Os primeiros cristãos se reuniam nas casas, onde receberam o Espírito Santo e se reuniam em comunidade para celebrar a Eucaristia e partilhar o que tinham com os pobres (At 2,1-3.46; 4,34-35).

78. Paulo saúda a comunidade que se reunia na casa de Priscila e Áquila. Assim nos apresenta um modelo de família capaz de acolher os irmãos na fé, casa aberta e ampliada que se torna Igreja. Este casal recebe na sua casa os cristãos quando eles se reuniam para ouvir a Palavra de Deus e para celebrar a Eucaristia. A Igreja nasce na casa dos que têm fé.

80. A casa ajudou o cristianismo do começo a se organizar em **pequenas comunidades**, com poucas pessoas que se conheciam. Aí começava um novo estilo de vida marcado pelo seguimento de Jesus Cristo. Aí acolhiam os pecadores e pagãos.

81. A credibilidade da comunidade estava baseada no testemunho de comunhão, de uma forte amizade.

82. Atualmente, no mundo urbano e de mudança de época precisamos retomar a indicação do Documento de Aparecida sobre as **pequenas comunidades** eclesiais como ambiente que favorece a escuta da Palavra de Deus, a vida de fraternidade, o crescimento na fé e o compromisso de ser missionário (DAp 309). Devemos formar verdadeiras comunidades de discípulos missionários (At 2,42-47; 4,32-37).

83. Essas comunidades são configuradas como: casa da Palavra, do Pão, da caridade (CNBB Doc 100), casa da missão e lugar da iniciação cristã (CNBB Doc 107). Comunidades que são o sal de terra e luz do mundo (Mt 5,13-14).

84. As **pequenas comunidades** eclesiais que se formam nas ruas, condomínios... deve se configurar como uma verdadeira rede, em comunhão com a Igreja Local (arquidiocese).

86. A Igreja nas casas tem a coordenação de cristãos leigos e leigas.

87. O ministro ordenado há de ser o cuidador e animador das comunidades eclesiais missionárias.

PILAR DA PALAVRA: *Eles eram perseverantes no ensino dos apóstolos (At 2,42)*

88. Os Atos dos Apóstolos relatam que a comunidade cristã se reunia nas casas para ouvir a Palavra de Deus e discernir a experiência da vida em Deus, conscientes de que fé vem da escuta (Rm 10,17). No caminho da fé é Deus que toma a iniciativa, mas é tarefa humana acolher o dom de Deus, configurando-se com Cristo e tornando-se discípulo missionário.

89. As **pequenas comunidades** são ambientes favoráveis para escutar a Deus. A comunidade eclesial é chamada a ser iniciadora da vida cristã por excelência. [A comunidade é o principal catequista (sujeito)].

92. Na escuta da Palavra de Deus “o Evangelho passa a ser o critério decisivo para o discernimento em vista da vivência cristã”.

PILAR DO PÃO: LITURGIA E ESPIRITUALIDADE. *Eram perseverantes... na fração do pão e nas orações (At 2,42)*

93. Entre os primeiros cristãos, a comunhão se manifestava principalmente na celebração da Eucaristia. Os laços de amizade faziam brotar a partilha das dificuldades do dia a dia e o compromisso com o Reino. Nas casas se ensinava os cristãos que a celebração da “ceia do Senhor exigia de todos comunhão com o Corpo e Sangue de Cristo. A celebração eucarística, memória do sacrifício do Senhor, alimentava a esperança do mundo que há de vir (1Cor 11,19-32) e exigia dos cristãos viver no mundo sem ser do mundo (Jo 17,14-16).

94. A comunidade eclesial tem na Eucaristia sua mesa principal: memorial da Páscoa do Senhor, banquete fraterno e garantia da vida definitiva. Ela transforma as pessoas em missionários de Jesus Cristo, testemunhas do Evangelho do Reino.

95. Na comunidade de fé cultiva-se a oração enraizada na Palavra de Deus e davam muita importância à Oração do Senhor: o Pai Nosso.

96. A oração deve ajudar a seguir a Jesus. Precisamos pedir: “Ensina-nos a orar”.

99. Os santos são modelos de ação misericordiosa de quem, movido por compaixão, se coloca em saída e vai ao encontro do outro.

100. A piedade popular deve ser valorizada na comunidade. Mas é preciso ter atenção para os riscos de instrumentalização, quando é apresentada de modo intimista, consumista e imediatista.

101. Como casa da comunhão, a comunidade é chamada a celebrar frequentemente o perdão e a misericórdia do Senhor. Isso acontece especialmente no Sacramento da Penitência (confissão).

O PILAR DA CARIDADE: SERVIÇO À VIDA PLENA. *Eram perseverantes... na comunhão fraterna (At 2,42).*

102. Na fé cristã, a espiritualidade está centrada a capacidade de amar a Deus e ao próximo. Rezar, amar e servir. Se não leva ao amor, a oração não pode ser considerada cristã. Quando se contempla Deus, percebe-se a beleza do pequeno e do simples e se educa o olhar para ver as necessidades dos outros.

103. Na liturgia, Igreja reza ao Pai, lembrando-se que Jesus “sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se do lado dos perseguidos e marginalizados. Com a vida e a palavra anunciou ao mundo que sois Pai e cuidais de todos como filhos e filhas.” E pede: “Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs; inspirando-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos; fazei que a exemplo de Cristo, e seguindo o seu mandamento, nos empenhemos lealmente no serviço a eles”

104. As questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos têm que ser enfrentados pelas nossas comunidades e pela Arquidiocese...

105. A Igreja anuncia o Evangelho da Paz (Ef 6,15) que é Cristo em Pessoa (Ef 2,14). Por isso luta contra a violência explícita ou institucionalizada pelas injustiças sociais.

106. A evangelização do mundo urbano não pode deixar de lado a questão do **trabalho**. É preciso solidariedade com quem sofre pelo desemprego.

107. A caridade se expressa na atuação política.

108. O Papa Francisco insiste em dizer que deseja uma “Igreja pobre para os pobres”. Existe uma ligação indissolúvel entre a nossa fé os pobres.

109. É missão da comunidade a promoção da cultura da vida e luta contra o que prejudica a vida: Violência, falta de moradia... luta por uma ecologia integral.

111. A situação dos migrantes e refugiados preocupa a Igreja. A acolhida ao estrangeiro é uma maneira de amar que traz a salvação (Mt 25).

113. A Igreja se preocupa com os povos indígenas, quilombolas e pescadores.

PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA. *Passando adiante, anunciava o Evangelhos a todas as cidades (At 8,40)*

114. Um mundo cada vez mais urbano pode assustar, mas é uma porta para o Evangelho, e as comunidades cristãs precisam ter um olhar que tem uma proposta para esta realidade, sabendo que Deus “preparou uma cidade para eles (Hebreus 11,16). É Deus quem abre a porta da fé e da vida plena: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele e ele comigo (Apoc 3,20). Guiados pelo Espírito Santo descobrimos as sementes da Palavra de Deus no mundo e promovemos o encontro das culturas com Jesus Cristo que as ilumina.

115. A missão é parte importante da fé cristã, pois ajudar a conhecer Jesus é o melhor presente que podemos dar às pessoas. A existência de muitos de nossos irmãos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo e sem a experiência de viver numa comunidade de amigos, deve ser uma preocupação para nós.

116. A missão supõe o anúncio explícito da Boa Notícia de Jesus Cristo. Não podemos supor que as pessoas conheçam Jesus Cristo.

117. A comunidade expressa sua missionariedade também quando “assume os compromissos que colaboram para garantir a dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais” com gestos de acolhida, amparo nas dificuldades e consolo no luto, defesa dos direitos e sede de justiça.

118. Para ser missionária, a comunidade eclesial necessita se inserir nas novas situações, como o ambiente das redes sociais. Os meios de comunicação oferecem oportunidades para tornar o Evangelho conhecido. Mas é preciso ter cuidado com os riscos da rapidez e superficialidade. Estes meios podem levar também a mentira e o engano (fake News), de forma muito rápida.

119. A Igreja também pode ouvir a voz de Deus através dos jovens. Deus está presente neles. A Igreja faz opção preferencial por eles. Por isso dialoga com eles, os acolhe e respeita. O Sínodo de 2018 diz que a Igreja é chamada a uma “mudança de perspectiva” encontrando no exemplo de santidade de tantos jovens dispostos a renunciar à vida em meio a perseguições, um forte sinal de fidelidade ao Evangelho.

121. A Igreja atua na sociedade porque se compreende como sacramento de salvação para todos. Estamos a caminho para a Casa da Santíssima Trindade que é o destino final para o qual Deus chama todos os homens. Cristo veio nos salvar e conduzir à casa do Pai, onde há muitas moradas (Jo 14,2).

CAPÍTULO 4: A IGREJA EM MISSÃO *“Era grande a alegria na cidade”*. (At 8,8)

125. O modelo para nossa ação será sempre a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão (At 2,42; 8,4). A comunidade e o estilo de vida que desejamos realizar é o testemunho do Evangelho encarnado na história, encravado nas realidades, comprometido com as dores e lutas do povo: homens e mulheres, jovens, crianças e idosos.

126. É preciso sempre partir da comunidade e fazer referência a ela. A comunidade é o ambiente de testemunho determinante para anunciar a Boa Notícia de Jesus e acolher quem dela se aproxima.

128. O empenho por constituir comunidades cristãs maduras na fé deve ser a meta das dioceses e paróquias.

A Comunidade Casa

129. “A Igreja no Brasil, em sua evangelização, assume o compromisso de formar comunidades que vivam como Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Ação Missionária. ... Enquanto casa, as comunidades que queremos são espaço do encontro, da ternura e da solidariedade, o lugar da família e têm suas portas abertas.

131. As comunidades eclesiais missionárias se reúnem em salões comunitários... e até em espaços improvisados. As relações fraternas, e não o local em que se reúnem, é que são significados pela imagem da casa.

132. Nossas comunidades precisam ser lugares de misericórdia neste mundo violento, casas de oração profunda, mergulho no amor do Pai. Devem deixar de lado toda burocratização que afasta e dá aparência de empresa. Devem ser lugar do encontro com Deus.

133. Este encontro com Deus acontece na celebração cheia de vida, no silêncio que favorece a escuta. Acontece também o encontro com o irmão que tem nome, história, dores e alegrias. “A comunidade, que guarda os pequenos detalhes no amor e na qual os membros cuidam uns dos outros, forma um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai (GeE, 145).

134. Nossas comunidades precisam ser lugar do olhar, do abraço e do afeto: Olhar o outro e ver nele um irmão, imagem de Deus (Rm 12,10). Precisamos fazer a “revolução da ternura” (EG 88).

135. A comunidade empenhe-se em ser lugar de encontro fraterno, como os primeiros cristãos eram “um só coração e uma só alma” (At 4,32). Deus é o Pai Nosso, somos todos irmãos. (Lc 10,25-37; 16,19-31; 1Jo 3,17).

138. Nas comunidades, dar atenção especial às famílias, acolhê-las.

139. Jesus ajudou famílias em necessidade (Lc 7,11-17; Lc4,38-40; Lc 8,40-56).

140. As famílias se constituem como sujeito da ação missionária e lugar da iniciação à vida cristã. Podem ser Igrejas domésticas como a família de Priscila e Aquila (Rm 16,5).

141. A comunidade cristã deve ter as portas sempre abertas para os necessitados de ajuda.

142. Mas não basta abrir a porta e ficar esperando. É preciso ir ao encontro do outro onde ele está. Jesus foi ao encontro dos discípulos de Emaús que estavam desanimados (Lc 24,13-35).

Pilar da Palavra: iniciação à vida cristã e animação bíblica

145. A iniciação à vida cristã refere-se, principalmente, à adesão a Jesus Cristo, e não se esgota na preparação para os sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia.

146. A Igreja tem como alicerce a Palavra de Deus, dela nasce e dela vive. A centralidade da Palavra na vida das comunidades cristãs é fundamental para a identificação e configuração com Jesus Cristo, a Palavra que se fez carne (Jo 1,14). Por isso a Bíblia, Palavra de Deus, deve estar sempre presente nos encontros, nas celebrações e nas reuniões. Também deve ser estudada.

147. Por isso, a iniciação à vida cristã deve ter um itinerário centrado na leitura orante da Palavra de Deus.

148. A Palavra de Deus deve ser rezada, não só estudada.

149. A Palavra de Deus é patrimônio comum de todas as Igrejas cristãs. É importante que ela se torne fonte inspiradora de oração comum, de fraternidade e de conversão. Também deve favorecer a prática ecumênica, para superação do escândalo da divisão.

Encaminhamentos práticos

150. Assumir o caminho de iniciação à vida cristã, de inspiração catecumenal, com a necessária reformulação da estrutura paroquial, catequética e litúrgica.

151. Revisar, a partir dos desafios do mundo urbano, o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias para possibilitar que o anúncio de Jesus Cristo transforme pessoas... e estruturas sociais.

152. A apresentação de Jesus Cristo precisa ser cada vez mais explicitada. Não supor que Ele seja conhecido, por todos os que participam da comunidade. Repetir a apresentação quando necessário.

153. A apresentação da pessoa de Jesus Cristo não pode ser só teórica. É preciso possibilitar experiências concretas da vida eclesial a partir do relacionamento fraterno (At 2,4-5).

154. Incentivar iniciativas ecumênicas de encontros fraternos e formação bíblica.

155. Universalizar o acesso à Bíblia e ajudar para que seja estudada, rezada e celebrada.

156. Priorizar **pequenas comunidades** ao redor da Bíblia, como fruto da visitação missionária.

157. Assumir a leitura orante da Palavra como caminho principal para o contato com a Palavra de Deus.

158. Implantar centros de estudos bíblicos.

159. Usar o potencial das redes sociais para divulgar a Palavra de Deus.

Pilar do Pão: liturgia e espiritualidade

160. A Eucaristia e a Palavra são elementos essenciais e insubstituíveis para a vida cristã. A comunidade precisa ser alimentada pelo Pão da Vida. A liturgia é o coração da comunidade. Ela leva ao compromisso fraterno e missionário.

161. Valorizar o domingo, como dia do Senhor: dia encontro com o Cristo, de descanso, de alegria e da solidariedade.

162. Promover uma liturgia que não seja escrava do subjetivismo emotivo nem da rigidez rubricista e do ritualismo (“pode, não pode”), mas que leve

as pessoas a mergulhar no mistério de Deus, com os pés no chão da realidade.

163. Em tempos de individualismo, é preciso dar o salto para a espiritualidade comunitária.

Encaminhamentos práticos

164. Resgatar a centralidade do domingo, com a celebração da Eucaristia ou da Palavra.

166. Incentivar a piedade popular como caminho de aprofundamento da fé e não só como realidade cultural ou folclórica. A fé deve ser iluminada pela palavra de Deus.

167. Valorizar o canto litúrgico.

168. Respeitar o ano litúrgico.

169. Zelar pela qualidade da homilia.

170. Que as missas na TV... estejam de acordo com as orientações da CNBB.

Pilar da Caridade: a serviço da vida

171. Em atenção à Palavra de Jesus e ao ensinamento da Igreja, nossas comunidades devem defender a vida desde a fecundação até o seu fim natural. Nosso cuidado deve ir da defesa do que vai nascer ao idoso, do cuidado com a casa comum [ecologia integral] ao emprego, saúde e educação. O cuidado com os direitos humanos e as políticas públicas que sustentam sua aplicação.

172. “As alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos homens... dos pobres... são também alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Cristo e nada existe de verdadeiramente humano que não ressoe em seu coração” (GS 1). Somos chamados a uma solidariedade universal.

173. Podemos nos unir ecumenicamente com pessoas de outras Igrejas cristãs e de religiões não cristãs na solidariedade aos sofredores.

Encaminhamentos práticos

174. Promover a solidariedade com os sofredores nas cidades e dialogar com a mentalidade urbana, procurando vencer o individualismo urbano. A vivência do Evangelho exige experiências de solidariedade.

175. Priorizar ações com famílias e jovens para que sejam sal da terra e luz do mundo conforme sínodos da família (2015) e juventude (2018). Que sejam viva esperança do Reino de Deus.

176. Aguçar a atenção às formas de sofrimento e exclusão. É preciso que o acolhimento chegue à solidariedade com os que sofrem.

177. Integrar o contato com a Palavra de Deus com os desafios que brotam sofrimento humano. [Unir fé e vida].

178. Promover a paz para superar a violência.

184. Ser voz dos que clamam por vida digna.

185. Fortalecer o diálogo ecumênico... buscando uma cultura de paz.

Pilar da ação missionária

186. Onde Jesus nos envia? Não há fronteiras nem limites, envia a todos. É preciso procurar principalmente as pessoas necessitadas da alegria da fé. *Acompanhar* o seu crescimento, *reconhecer* os frutos, mesmo que imperfeitos, mas que trazem alegria em cada pequena vitória.

187. Levar o Evangelho com as pessoas que encontramos na vida diária. *Dialogar* sobre o Evangelho.

188. Só podemos imaginar uma comunidade de fé que segue os passos de Jesus, se ela vai ao encontro do outro anunciando o Senhor com sua presença amorosa.

Encaminhamentos práticos

189. Investir em comunidades que querem ser missionárias.

191. Desenvolver projetos de visitas missionárias a ambientes mais afastados da vida da Igreja.

192. Favorecer a missão e comunhão pastoral com Igrejas que atuam nas cidades.

194. Investir nos jovens. Promover missões juvenis.

195. Investir na presença nos Meios de Comunicação Social, especialmente nas redes sociais.

196. Valorizar como espaços missionários os hospitais, escolas e universidades, mundo da cultura e da ciência, presídios...

197. Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária. Fortalecer a cultura do encontro.

198. Implantar Conselhos Missionários.

199. Promover as Pontifícias Obras Missionárias.

202. Valorizar a dimensão mariana na evangelização, considerando que Maria foi a primeira missionária que animou os discípulos de Jesus.

CONCLUSÃO

203. Estas diretrizes destacam a centralidade das *comunidades eclesiais missionárias*.

210. Coloquemos nossa confiança em Deus: “Se o Senhor não construir a casa, em vão trabalham os que a constroem; Se o Senhor não vigia a cidade, em vão trabalha o vigia” (Salmo 127[126],1).

Observação: A expressão “pequenas comunidades”, copiadas do texto, aparecem 11 vezes neste resumo.

Este resumo pode ser usado nas comunidades e nos diversos grupos, da seguinte maneira:

1. Ir lendo um pouquinho em cada reunião. Ler e reler. Procurar entender o que foi lido. Todos devem participar.
2. Anotar o que não entenderam para perguntar ao CPP ou ao COMIPA.

REFLETIR sobre as perguntas:

3. Que dúvidas temos sobre o que lemos no documento 109?
4. O que já estamos fazendo em nossa comunidade que está de acordo com o que o documento pede?
5. O que estamos dispostos a fazer para que a nossa comunidade seja do jeito que o documento pede?

>>> Ler o número 36, procurar entender bem e responder:

- Que luz esse trecho traz para a caminhada de nossas comunidades?
- O que já acontece nas nossas comunidades que está de acordo com esse trecho?
- O que mais está nos faltando para atingir esse ideal?